

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

RESENHA

**THORKELSON, NICK. HERBERT MARCUSE, PHILOSOPHER OF  
UTOPIA: A GRAPHIC BIOGRAPHY. SÃO FRANCISCO: CITY  
LIGHTS BOOKS, 2019<sup>1</sup>**

*Imaculada Kangussu*<sup>2</sup>

Em outubro de 2019, durante o encontro bianual da International Herbert Marcuse Society, na Universidade de Santa Barbara, Califórnia, foi lançada a biografia de Marcuse, em surpreendente formato de história em quadrinhos. Escrita e desenhada por Nick Thorkelson, a obra tem prefácio de Angela Davis e posfácio de Andrew Lamas, um dos editores junto com Paul Buhle. A publicação é da icônica City Lights Books, de São Francisco.

No Prefácio, Angela Davis ressalta a relação entre filosofia e práxis sempre presente na filosofia de Marcuse, e a relevância de suas reflexões nas lutas contemporâneas. Em suas palavras, “A insistência em imaginar futuros emancipadores, mesmo sob a mais desesperada das circunstâncias, continua sendo – Marcuse nos ensina – o elemento decisivo tanto da teoria quanto da prática.”

A vida de Marcuse é desenhada em sete capítulos nos quais se desenrolam as aventuras filosóficas – pessoais e acadêmicas – do filósofo, desde o nascimento, em 19 de julho de 1898, até a morte, em 29 de julho de 1979. No primeiro capítulo, vê-se a infância e adolescência de Marcuse, durante a primeira guerra, e revela-se o grande charme dessa biografia em quadrinhos, decorrente da mistura da vida pessoal com o momento histórica

---

<sup>1</sup> Resenha recebida em: 07/07/2020. Aceita em: 08/07/2020.

<sup>2</sup> Professora-titular no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Fez mestrado e doutorado em Filosofia, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e pós-doutorado na School of Arts and Science da New York University (NYU), como bolsista da CAPES. Dedicou-se ao estudo de estética, filosofia da arte e teorias críticas. Escreve ensaios, organiza eventos e publicações, entre elas *Kátharsis* (Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2002), *Theoria Aesthetica* (Porto Alegre: Ed. Escrita, 2005), *Dimensão estética* (Belo Horizonte: Ed. ABRE, 2008), *O cômico e o trágico* (Ed. 7letras, Rio de Janeiro, 2008), *Estéticas do deslocamento* (Belo Horizonte: Ed. ABRE, 2008), *Fantasia & crítica* (Belo Horizonte Ed. ABRE, 2012), *Arte da Vingança* (Belo Horizonte Ed. ABRE, 2017), *Estéticas moderna e contemporânea* (Belo Horizonte: Relicário, 2018). É autora de *Sobre Eros* (Belo Horizonte: Ed. Scriptum, 2007), de *Leis da liberdade* (São Paulo: Ed. Loyola, 2008) e de *A fantasia e as fantasias* (Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020). É membro do grupo de pesquisa *Arte e Conhecimento* (CNPq), do *GT de Estética* e Vice-presidente da *International Herbert Marcuse Society*. Endereço de e-mail: lekangussu@gmail.com

na qual ela acontece. Personagem e história surgem unidas no traço bem-humorado de Nick Thorkelson.

O segundo capítulo, cujo título “Os sofrimentos do jovem Marcuse” remete à famosa obra de Goethe, apresenta a relação do jovem Marcuse com o mundo da arte – representado por George Grosz, Brecht, Kurt Weill, Pabst, Fritz Lang, Murnau –, percebido como lugar de recusa e de distinção entre o existente e o que poderia existir. O argumento da tese de doutorado de Marcuse, sobre *Romance do artista alemão (Der Deutsche Künstlerroman)*, no qual o jovem Werther é figura de destaque, é sintetizado de modo cômico.

O capítulo 3 mostra a mudança de Marcuse, com sua esposa Sophie, para Freiburg, seduzido pela filosofia de Heidegger, “um magneto para estudantes judeus brilhantes” (p. 20, na qual se vê Hannah Arendt, Karl Lowith, Hans Jonas, além do próprio Marcuse, sentadinhos no colo de Heidegger). Vemos o encantamento se dissipar quando Marcuse lê os então recém descobertos *Manuscritos econômicos filosóficos de 1844*. Sua tese de *Habilitation* (etapa necessária para tornar-se docente na Alemanha), publicada em 1932, sobre *A ontologia de Hegel e a teoria da historicidade*, nem é apresentada a Heidegger para ir à banca; “na Alemanha, não há trabalhos acadêmicos para mim”, diz Marcuse a Husserl. Em meia dúzia de quadrinhos, vemos como Husserl telefona a Kurt Riezler, reitor da Universidade de Frankfurt, que telefona para Horkheimer, que consulta Adorno, que pede a Lowenthal para entrevistar Marcuse, tendo em vista um trabalho com filosofia política no Instituto de Pesquisa Social, da “Escola de Frankfurt”. Na entrevista com Lowenthal, Marcuse consegue o trabalho e uma amizade que iria durar até o final de sua vida.

Em 1933, ano em que Heidegger adere ao nazismo e é nomeado reitor em Freiburg, a família Marcuse acompanha o Instituto de Pesquisa Social na mudança para Genebra. E, no ano seguinte, mudam-se todos para Nova York, onde Marcuse escreve *Razão e revolução*, desenhada no capítulo 4, a partir da figura de Hegel, para quem “a razão torna a revolução necessária” (p.37). Em um quadrinho, um aluno de Marcuse afirma, ao telefone, ser este o livro mais importante do filósofo e, no quadrinho seguinte, em um bar, Peter Marcuse considera que a importância deste livro, cujo propósito era estabelecer a reputação acadêmica do autor, não deve ser exagerada...

Em 1942, vemos a família Marcuse descendo por uma corda pendurada na janela do prédio onde moravam, em NYC, rumo à Califórnia, sem pagar os últimos meses de aluguel do apartamento. Cortado o auxílio do Instituto de Pesquisa Social, Marcuse, Franz Neumann e Otto Kirchheimer vão trabalhar em um projeto de “desnazificação” da Alemanha, levado a cabo pelo OSS (*Office of Strategic Services*), cujos contratados incluíam Norman O. Brown, Barrington Moore e John Kenneth Galbraith. Por e-mail, Andrew Feenberg relata ter ouvido Marcuse confessar que o projeto de “desnazificar” a Alemanha falhou “miseravelmente”. No início da década de 1950, o Instituto volta a Frankfurt, a OSS torna-se a CIA, Sophie Marcuse morre de câncer, e o filósofo volta à universidade de Columbia e depois a Harvard.

O capítulo 4, “Eros e Brandeis”, tem início em 1954, com o casamento com Inge, viúva de Franz Neumann, e figura um Marcuse reflexivo, dando forma a ideias que serão apresentadas, no ano seguinte, em *Eros e civilização*. Nesse mesmo ano, Marcuse começa a dar aulas na recém-criada universidade de Brandeis. Em 1958, lança rigorosa crítica à URSS, *Marxismo soviético*, cujo argumento é cuidadosamente desenhado no livro e, em 1964, publica *O homem unidimensional*, crítica contundente à estrutura capitalista das sociedades

emergentes. O filósofo tem de se mudar de novo, vai para San Diego, lecionar na universidade da Califórnia. Em 1967, em Londres, acontece o famoso congresso *Dialectics on Liberation*, onde se vê Marcuse falando a uma plateia que inclui R. D. Laing, Angela Davis, Michael X, Stokely Carmichael, Allen Ginsberg e Julien Beck.

“O guru relutante”, nome do capítulo 6, apresenta tanto a consagração de Marcuse pela juventude estudantil como um dos 3 Ms, junto a Marx e Mao, quanto as perseguições feitas por Ronald Reagan (então governador da Califórnia), Spiro Agnew (vice-presidente), John Wayne e as ameaças da Ku Klux Klan. Estudantes se revezam no papel de guarda-costas do filósofo. No círculo de jovens ativistas que se reuniam na chamada “*red house*”, aparecem desenhados Andrew Feenberg, George Katsiaficas, William Leiss, entre outros. A efervescência da época leva ao *Ensaio sobre a libertação*, de 1969, e ao desentendimento com Adorno registrado, sobretudo, em uma troca de cartas, das quais Thorkelson transcreve trechos marcantes.

No último capítulo, é mostrado o crescente envolvimento de Marcuse com feminismos e também com movimentos de contracultura. Em 1972, Marcuse publica *Contrarrevolução e revolta*. O ano seguinte é marcado pela morte de Inge e pelo terceiro casamento do filósofo, com Erica Sherover. Depois de ser demitido de San Diego, Marcuse publica *A dimensão estética*, em 1977, e este será seu último livro.

Marcuse morre na Alemanha, seu corpo é queimado na Áustria, as cinzas são levadas para os Estados Unidos e, quatro anos depois, atravessam o Atlântico de volta para serem lançadas, no dia 18 de julho de 2003, no cemitério Dorotheenstadtischer, em Berlim, junto ao túmulo de Hegel. Para a ocasião, Peter Marcuse compõe limericks que vão dar trabalho à tradução. Um exemplo, traduzido livremente:

*A philosopher once from Berlin  
Thought enjoying life was no sin  
Marcuse once wrote of utopias  
An idea to which others had phobias*

*Uma vez um filósofo de Berlim  
Pensou que gozar a vida era um fim  
Marcuse escreveu sobre utopia  
Ideia da qual outros tinham fobia*

Depois dessa fabulosa história desenhada, o livro traz o posfácio de Andrew Lamas, cujo título é a famosa frase de Mao, “*Que cem flores floresçam*”, e reitera a posição de Angela Davis a respeito da atualidade de Marcuse e da possibilidade de emancipação. Fiel à frase título, Lamas solicitou a (e obteve resposta de) mais de cem intelectuais de diversas partes do mundo que completassem a frase: “Marcuse, o filósofo . . . . .”.

E, assim, a biografia desenhada de Marcuse, termina com essas mais de cem flores contemporâneas.

